

MECANIZAÇÃO DO MUNDO RURAL

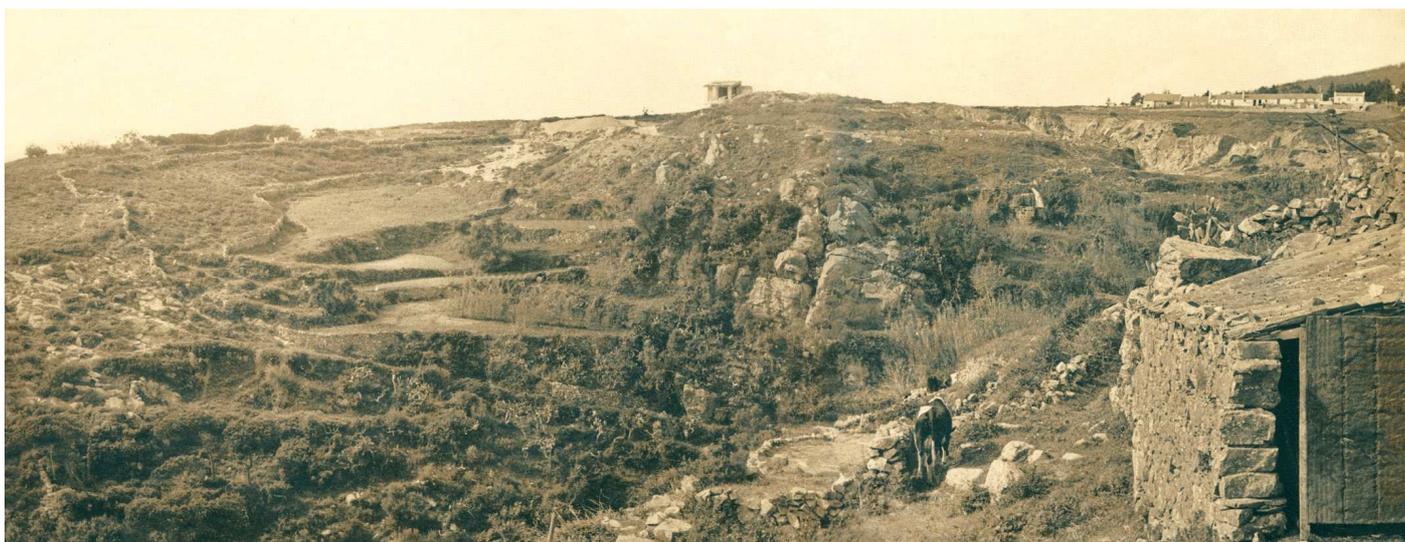
Com a invenção da máquina a vapor, a partir de meados do século XIX a atividade agrícola tendeu a transformar-se, simplificando algumas das tarefas mais árduas, como a lavra ou a debulha. Não obstante, o concelho de Cascais apenas despontaria para esta evolução a partir do segundo quartel do século XX, que alterou a feição social da agricultura, substituindo ritmos e até sonoridades, quando o ruído dos motores em esforço se impôs às vozes dos trabalhadores. Os campos deixaram, assim, de ocupar tanto pessoal e o agricultor cedeu o protagonismo à maquinaria especializada, utilizada no amanho da terra, nas colheitas e até no processamento dos produtos obtidos.



PEDRAS DE CASCAIS

Devido ao substrato rochoso do concelho, constituído maioritariamente por calcários duros e compactos, as atividades da extração e do trabalho da pedra marcaram a atividade das gentes de Cascais ao longo de gerações.

Em 1873, Pedro Barruncho anotava que estavam em lavra 26 pedreiras que em cinco anos tinham produzido cerca de 7 324 carradas. Entre as pedras mais afamadas destacavam-se o denominado mármore apinhado de Cascais, cor de mel e com muitos fragmentos de conchas; o mármore busano; o resistente mármore bastardo, acinzentado, com manchas roxas e brancas; ou o azulino de Cascais, pedra calcária de cor cinzento-azulada com manchas castanhas-claras e pontuações negras dispersas.



PEDREIRAS

A mais antiga pedreira conhecida no concelho remonta ao Neolítico Final e foi encontrada nas escavações arqueológicas do sítio das Branqueiras, em Alvide. Também para o período romano se identificou uma pedreira junto à necrópole da *villa* romana de Miroiço, em Manique, de onde foram retirados os esteios de calcário que cobriam as sepulturas aí existentes. Já no final do século XVI se reconhecia a qualidade e beleza da pedra mármore vermelha da Torre da Aguilha, sabendo-se que muitas foram as cargas que saíram das pedreiras do concelho para apoiar a reconstrução da cidade de Lisboa depois do terramoto de 1755. Desta forma, em 1763 estes profissionais representavam aproximadamente 34% da população ativa da freguesia de S. Domingos de Rana.

Em 1900, registar-se-ia que «os homens empregados nas pedreiras recebem o nome de cabouqueiros e têm linguagem, por assim dizer, própria. Denominam pedreiras reais as mais profundas, e portanto, mais trabalhosas para a exploração; chamam tonas aos bancos de rocha e cabos reais aos filões eruptivos que atravessam as pedreiras».



CANTEIROS

O trabalho do canteiro, que José Luís Tomé Sabido descreve como «a pessoa que trabalha a pedra em todas as suas vertentes», era multifacetado, executando simples lancis para estradas ou peças de nível artístico surpreendente, encontrando-se, por essa razão, muitos testemunhos da sua atividade por todo o concelho, nomeadamente em igrejas, casas, fontes, cruzeiros, estátuas ou jazigos. Aos canteiros mais habilitados eram confiados os trabalhos delicados, como peitoris, soleiras, colunas, bases, fustes, capitéis, balaústres e cimalkas. Os restantes, incluindo os aprendizes, tratavam dos socos, ombreiras, vergas e pias de despejo.

Por esta altura, «a execução das cantarias era feita manualmente com a ajuda da maceta, escopros de dentes ou lisos, ponteiros, picões, escodas de dentes ou lisas, bojardões e bojardas», sendo as pedreiras das Coveiras – expostas em ambos os lados do caminho que ligava Tires a S. Domingos de Rana – um dos principais bancos de pedra do concelho. A profissão tendeu, ainda assim, a desaparecer, mercê da mecanização, do paulatino esgotamento das pedreiras e do crescimento das localidades do concelho.

